



<http://groups-beta.google.com/group/digitalsource>

**John Steinbeck**

**A Leste do Paraíso**

**Volume 1**

Título da edição original:  
EAST OF EDEN

Autor: JOHN STEINBECK

Tradução:  
JOÃO B. VIEGAS

Revisão:  
MOURA VITÓRIA

Capa:  
A. PEDRO

Copyright (c) 2001 by Livros do Brasil  
Reservados todos os direitos pela legislação em vigor

Última edição - Lisboa - Setembro de 2001

ISBN 972-38-0002-0

VENDA INTERDITA NA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

EDITORA LIVROS DO BRASIL  
COLECCÃO DOIS MUNDOS

# 1

Pascal Covici

Querido Pat,

Surpreendeste-me quando esculpia uma figurinha de madeira e disseste:

- Porque não fazes qualquer coisa para mim?

Perguntei-te o que querias e respondeste:

- Uma caixa.

- Para quê?

- Para guardar coisas.

- Que coisas?

- Tudo o que tiveres.

Ora bem. Aqui tens a tua caixa. Pus nela quase tudo o que tinha e não está cheia. Tem dor e prazer, bons ou maus sentimentos, pensamentos maus e pensamentos bons - o prazer de modelar, algum desespero e a alegria indescritível de criar. E, em cima de tudo isto, há a minha gratidão e todo o meu amor que te tenho. Nem mesmo assim a caixa ficou cheia.

JOHN

# Primeira Parte

## Capítulo I

### 1

O vale do Salinas fica na Califórnia do Norte. É um sulco longo e plano entre duas cadeias de montanhas, e o rio Salinas desliza e serpenteia pelo centro até desaguar na baía de Monterey.

Recordo-me dos meus nomes de infância para as plantas e para as flores secretas, do esconderijo de cada sapo e da hora a que os pássaros acordavam no Verão - das árvores e das estações do ano - das pessoas e do seu aspecto; recordo-me até do cheiro que tinham. A memória olfactiva é muito rica.

Recordo que as montanhas Gabilanes, a leste do vale, eram alegres e cheias de sol, lindas, tendo um ar de convite que despertava em nós o desejo de subir pelas suas veredas cálidas, quase como quem sobe para o colo da mãe bem-amada. Eram montanhas atraentes envoltas no seu manto de erva ruça. Para o lado do Ocidente, recortava-se no céu a serra de Santa Lucias, muralha escura e taciturna, inamistosa e ameaçadora, entre o vale e o mar. Sempre tive medo do Oeste, sempre gostei do Leste. Não saberei dizer donde me vem tal ideia; só se for por a manhã vir dos cumes dos Gabilanes e a noite cair das cristas de Santa Lucias. Pode muito bem ser que o nascimento e a morte do dia tenham concorrido para a impressão que me ficou dessas duas cordilheiras.

De ambos os lados do vale precipitavam-se pequenas torrentes que iam cair no leito do rio Salinas. Nos invernos chuvosos, as torrentes engrossavam e iam aumentar o Salinas até o fazer sair do leito, espumante e furioso, tornando-o destruidor. O rio arrastava a terra das propriedades ribeirinhas; arrancava e levava celeiros e casas; vacas, porcos e carneiros eram apanhados desprevenidos e afogados nas suas águas barrentas que os empurravam para o mar. Depois, com o fim da Primavera, o rio regressava ao seu leito e apareciam os bancos de areia. No Verão, escondia-se. Do turbilhão invernal, apenas restavam algumas poças junto dos bancos mais altos. A erva recuava e os salgueiros endireitavam-se com os destroços da torrente nos ramos mais altos. O Salinas era apenas um rio esporádico: o sol do Verão fazia-o desaparecer. Não era um rio a valer mas era o único que tínhamos e por isso nos gabávamos dele - por ser perigoso nos Invernos chuvosos e por ser seco nos Verões secos.

Podemos gabar seja o que for, se nada mais tivermos. Quanto menos se tem, maior é a vontade de o gabar.

O solo do vale do Salinas, entre as cordilheiras e a seguir ao sopé das montanhas, é plano porque este vale constituía o fundo duma reentrância do mar com mais de cento e cinquenta quilómetros. A foz do rio em Moss Landing era há centenas de anos a entrada deste longo braço de mar. Uma vez, o meu pai abriu um poço a mais de oitenta quilómetros do mar. A sonda começou por encontrar uma camada de húmus, depois cascalho e, por fim, areia branca cheia de conchas e até de bocados de ossos de baleia. Sob a camada de quatro metros de areia, havia novamente terra vegetal. A sonda atravessou um pedaço de sequóia, essa madeira vermelha que não apodrece. Antes de ter sido um mar interior, o vale deve ter sido uma floresta. E, essas coisas aconteceram mesmo debaixo dos nossos pés. Às vezes, à noite, parecia-me que podia sentir o mar e a floresta que existira antes dele.

Sob as terras planas a camada de húmus era espessa e fértil. Bastava um bom Inverno chuvoso para que se cobrisse de erva e de flores. A floração da Primavera, nos anos húmidos, era um espectáculo inacreditável. O fundo do vale e o sopé das colinas pareciam um tapete de tremoços e de papoilas. Uma mulher disse-me um dia que as flores coloridas pareceriam ter mais brilho se lhes juntassem algumas flores brancas. As pétalas azuis do tremoço são orladas de branco e por isso um tremoçal é mais azul do que se pode imaginar. No meio disto, havia explosões de papoilas da Califórnia. Estas têm uma cor quente - não laranja, nem oiro, mas se o oiro fosse líquido e emitisse um vapor, esse vapor doirado seria a cor das papoilas. Depois vinha a estação da mostarda amarela. Era tão alta quando o meu avô chegou ao Vale que apenas se conseguia ver a cabeça de um homem que no meio dela passasse a cavalo. Nas terras altas, a erva estava semeada de rainúnculos, de margaridas e de violetas amarelas com o centro negro. E um pouco mais tarde, surgiam os cravos da índia, vermelhos e amarelos. Eram as flores dos grandes espaços expostos ao sol.

Sob os carvalhos, numa atmosfera sempre sombria, cresciam as avencas perfumadas, e à beira dos regatos pendiam cachos de doiradinhas. E depois havia os jacintos, minúsculas lanternas dum branco aveludado e quase pecaminoso, mas eram tão raros que, quando uma criança descobria algum, se sentia privilegiada e esquisita durante todo o dia.

Quando chegava o mês de Junho, a erva estiolava e todo o Vale ficava castanho, mas era um castanho em que só entrava o oiro, o açafão e o vermelho - uma cor indescritível. Então, as terras e os cursos de água secavam até às próximas chuvas. Apareciam fendas no solo. O Salinas era absorvido pelo seu leite de areia. O vento soprava no Vale, erguendo poeira e palha, adquirindo

força e tornando-se mais áspero à medida que se aproximava do Sul. À noite parava. Era um vento nervoso e cortante que irritava a pele e queimava os olhos. Os homens que trabalhavam nos campos usavam óculos e protegiam o nariz com um lenço atado em volta da cara.

A terra do Vale era espessa e rica mas, junto às vertentes, tão escassa que mal chegava para alimentar as raízes das ervas.

Quanto mais se subia, mais se adelgaçava, desnudando a rocha, até que, no alto, se transformava num tapete de cascalho que cegava os olhos com o reflexo do sol.

Até aqui só falei dos anos férteis em que as chuvas eram abundantes. Mas havia também anos de estiagem, terror do Vale. As chuvas vinham num ciclo de trinta anos. Primeiro, havia cinco ou seis magníficos anos de chuva com dezanove a vinte e cinco polegadas de água: a vegetação rebentava por toda a parte. Depois, seis ou sete anos regulares com doze a dezasseis polegadas de chuva. Por fim, eram os anos secos com as suas escassas sete ou oito polegadas. A terra endurecia, a vegetação não tinha forças para crescer e surgiam grandes peladas por todo o Vale. Os carvalhos viçosos pareciam petrificados e a artemísia ficava pardacenta. O solo estalava, os ribeiros secavam, o gado retouçava ramos quebradiços; as vacas emagreciam e, às vezes, morriam de fome. As pessoas, se queriam beber, tinham de ir buscar a água em barris. Então os fazendeiros e os criadores de gado amaldiçoavam o Vale. Algumas famílias vendiam tudo por uma ninharia e iam-se embora. Era fatal: durante os anos de estiagem, as pessoas esqueciam os anos prósperos e, assim que voltava a chuva, esqueciam a seca. Sempre foi assim.

## 2

Assim era o extenso vale do Salinas. A sua história era igual à do resto do Estado. Primeiro houvera índios, mas duma raça degenerada, sem energia, incapaz de cultivar ou de inventar, alimentando-se de gorgulhos, de gafanhotos e de mariscos, tão preguiçosa que não caçava nem pescava. Para fazer farinha, moíam bolota amarga; as próprias guerras não passavam de meras pantomimas.

Depois vieram os conquistadores espanhóis, duros, vorazes e realistas, sedentos de ouro e de Deus. Coleccionavam almas como colecionavam jóias. Acumularam montes e vales, rios e horizontes, do mesmo modo que o homem de hoje obtém licenças para construir lotes de habitações. Alguns deles estabeleceram-se em terras tão grandes como reinos, dons de reis de Espanha que



ignoravam o valor do presente. Estes primeiros proprietários viveram uma vida de senhores feudais pobres, deixando que os rebanhos pastassem em liberdade e se multiplicassem. Periodicamente, os donatários matavam os animais para lhes tirar o coiro das botas e o sebo das velas, abandonando a carne aos abutres e aos coiotes.

Quando os Espanhóis chegaram, tiveram que baptizar tudo o que viram. É este o primeiro dever dum explorador - um dever e um privilégio. Tem que se baptizar um lugar antes de lhe inscrever o nome num mapa desenhado à mão. Tratava-se de gente piedosa, e só os padres, infatigáveis companheiros dos soldados, sabiam ler, escrever, redigir os diários e desenhar os mapas. Os primeiros lugares foram, portanto, crismados com nomes de santos ou de festas religiosas celebradas ao acaso das paragens. Há muitos santos, mas a lista não é inesgotável. Assim, surgem muitas repetições nas primitivas designações: San Miguel, St. Michael, San Ardo, San Bernardo, San Benito, San Lorenzo, San Carlos, San Francisquito. E depois as festas: Natividad - a Natividade; Nacimiento - o Nascimento; Soledad - a Solidão. Mas alguns sítios também foram baptizados de acordo com o estado de espírito em que se encontrava a expedição nesse dia: Buena Esperanza - Boa Esperança; Buena Vista, porque a vista era bonita; e Chualar, porque o lugar tinha o seu encanto. Depois seguiam-se os nomes descritivos: Paso de los Robles, por causa dos carvalhos; Los Laureles, porque havia loureiros; Tularcistos, por causa dos caniços dum pântano; e Salinas, por causa do alcali que era branco como o sal.

Depois baptizaram os lugares consoante os animais que lá viram: Gabi-lanes, por causa dos falcões que voavam nas montanhas; El Topo, por causa das toupeiras; Los Gatos, por causa dos gatos selvagens. Certas vezes, a configuração natural sugeria um nome: Tassajara - uma chávena com o pires; Laguna Seca - uma lagoa seca; Corral de Tierra - uma barreira de terra; Paraíso, porque parecia estar-se no Céu.

Depois vieram os Americanos - mais vorazes porque eram em maior número. Apoderaram-se das terras e, para se confinarem na legalidade, refizeram as leis. As propriedades espraiaram-se pela região, primeiro no vale e depois nos contrafortes das montanhas - casinhas de madeira com telhados de sequóia, currais de paus com a extremidade aguçada. Onde quer que irrompesse um fio de água, erguia-se uma casa que abrigava uma família que logo crescia e se multiplicava. Plantaram-se pés de gerânios e de roseiras nos jardinzinhos. As carroças traçaram trilhos nas pistas. O trigo, a aveia e a cevada expulsaram a mostarda amarela. De quinze em quinze quilómetros, ao longo das estradas movimentadas, instalaram-se vendas e ferreiros que se transformaram em núcleos de povoações: Bradley, King City, Greenfield.

Mais ainda do que os Espanhóis, os Americanos tinham tendência para baptizar os lugares com nomes descritivos. Esses nomes exercem em mim uma grande fascinação, pois cada um deles sugere uma história esquecida. Estou pensando em Bolsa Nueva - a bolsa nova; Morocojo - o Mouro Coxo (quem era e como foi ali parar?); o Desfiladeiro do Cavalo Selvagem e o da Fralda da Camisa. Os lugares ficam marcados para sempre por aqueles que os baptizaram, respeitosos ou irrespeitosos, poéticos ou trocistas. Pode chamar-se San Lorenzo a qualquer coisa, mas Desfiladeiro da Fralda da Camisa ou do Mouro Coxo tem outro sabor.

Para quebrar a violência do vento que ameaçava arrastar as terras lavradas, os fazendeiros plantaram quilómetros e quilómetros de filas de eucaliptos. E era este o aspecto do vale do Salinas quando o meu avô trouxe a mulher e se instalou nas colinas, a Leste de King City.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

